

Entre os conceitos atuais de construção, prevalece a concepção de projetos que tragam soluções e inovação à complexidade do tecido social e urbano

TEXTO *Luciana Veras*

ESPAÇO LIVRE E MALLEÁVEL



FOTOS: DIVULGAÇÃO



2



3



4



5

“A civilização de hoje conforma-se cada vez mais dificilmente à prisão espacial dos edifícios em alvenaria. Ela anseia, ao contrário, por espaços mais livres, maleáveis, ilimitados, como se estivéssemos todos à espera misteriosa de uma nova dimensão para além das três euclidianas”, raciocinava o crítico pernambucano Mário Pedrosa (1900-1981), no *Jornal do Brasil* de 4 de setembro de 1952. Ao lado de uma robusta produção jornalística e ensaística, essas palavras ressurgem agora coligidas no volume *Mário Pedrosa – Arquitetura e ensaios críticos*, lançado neste maio pela editora Cosac Naify em duo com *Mário Pedrosa – Arte e ensaios*. Com tais livros, ilumina-se o pensamento do pioneiro a analisar arte, política e arquitetura no Brasil no século 20 e amplia-se o escopo para reflexões acerca da seguinte indagação: como se pensa e se constrói hoje?

É extraordinário perceber que as meditações de Pedrosa, formuladas

no momento em que o Modernismo ditava o desenho urbano no país, e em boa parte do mundo, seguem a reverberar. “A revolução arquitetônica não é, pois, puramente externa. Ao contrário. Ela se dirige para fora e para dentro do edifício”, anotava, no mesmo texto publicado no início dos anos 1950. De lá para cá, a arquitetura moderna esmaeceu, deixando a herança de Brasília e um patrimônio ainda não salvaguardado de maneira correta – Pernambuco que o diga; o Pós-Modernismo traduziu-se em uma entropia de estilos; a tecnologia propiciou o aparecimento de novidades construtivas; e os arquitetos passaram a domar as formas e subvertê-las como se estivessem, conforme preconizava Pedrosa ao falar de Oscar Niemeyer e seu “gênio plástico incoercível”, a esculpir em barro.

Houve mudanças – imensas, importantes e inevitáveis – no cenário

arquitetônico. Contudo, a insurreição do contemporâneo se dá, de fato, para dentro e para fora da construção. Na arquitetura concebida e executada neste terceiro milênio, a relevância paira tanto no edifício em si, e no que ele carrega de plasticidade, inovação ou eficiência, quanto nas articulações que se operam entre aquele prédio e seu entorno. Uma das chaves reside, pois, no vínculo estabelecido entre aquela construção, o uso que dela fazem seus ocupantes e a cidade – nunca uma localidade estagnada, e, sim, mutante, como a Maurília inventada por Italo Calvino, em *As cidades invisíveis*: “...e que, de qualquer modo, a cidade tem este atrativo adicional – que mediante o que se tornou pode se recordar com saudades daquilo que foi”.

A cidade surge como esteio e paradigma desse debate. “Não acho que seja fácil, nem muito possível, na verdade, dissociar as discussões

Página anterior

1 IMPERMANENTE

Pavilhão projetado por Toyo Ito e Cecil Balmond para as Serpentine Galleries, em 2002, já não existe mais

Página ao lado

2-5 HOMOGENEIZAÇÃO

A ideia atual de urbanização nivela os grandes centros

sobre pensar a arquitetura do pensar a sociedade. Acredito que o embate entre o interesse coletivo e o individual também norteia o rumo das cidades. Entre esses dois pensamentos, bem no meio do campo, está a maior parte de nós, cidadãos, caminhando sem saber exatamente sob qual espectro está e vivendo na informalidade de pensamentos. É sob esse guarda-chuva que enxergo a arquitetura, tanto do ponto de vista teórico quanto prático. Creio que a maneira que se pensa e constrói hoje ainda está intimamente ligada à lógica capitalista de controle dos meios de produção”, observa o arquiteto paulista Pedro Del Guerra, da MGDG Arquitetos.

Para o pernambucano Carlos Fernando Pontual, da Pontual Arquitetos, com quase cinco décadas de profissão, é nítida a modificação no modo de se relacionar com a urbe, cada vez mais populosa e problemática. Porém, na sua opinião, o arquiteto vira “refém de uma racionalidade construtiva” que confere mais poder ao mercado: “O jeito de fazer arquitetura está muito igual, no nível técnico, porque o maior desafio é como resolver essa busca incessante pelos grandes aglomerados. Como lidar com as cidades cheias de carros? Como trazer o espírito criador para aquele projeto que é diminuído por uma padronização? O arquiteto fica preso a um comportamento industrial de produção e vai sendo minado nas suas aspirações plásticas. Fazemos um esforço brutal para inserir o projeto dentro de uma malha urbana e dar um ganho ao sítio onde está localizado e temos, nisso tudo, a dificuldade de fazer poesia, de escrever a poética dentro da arquitetura. Na essência, a arquitetura é arte de uma complexidade brutal”.

No afã de aliar aspirações artísticas à praticidade para lidar com exiguidade espacial e imposições comerciais,

SHIGERU BAN ARCHITECTS / DIDIER BOY DE LA TOU / DIVULGAÇÃO



SHIGERU BAN

“Ele é um arquiteto excepcional e com forte compromisso social”, aponta João Pedro Backheuser, da BAC Arquitetura (RJ), a respeito do vencedor do prêmio Pritzker em 2014. O japonês Shigeru Ban tanto surpreende ao idealizar construções sofisticadas, como o Centre Pompidou-Metz, na França, para o qual se inspirou na leveza de um chapéu chinês (foto acima), e ao aliar praticidade e beleza no uso de materiais, como papelão e bambu, para criar residências para vítimas de desastres. Todo o trabalho de Ban objetiva ajudar os desabrigados gratuitamente.

“O arquiteto fica preso a um comportamento industrial de produção e é minado nas suas aspirações plásticas”

Carlos Fernando Pontual

o arquiteto se engaja em batalhas. “Nossa luta cotidiana é conseguir, dentro do processo de racionalização e metodologia de trabalho das construtoras, fazer uma diferenciação e dar àquela obra o testemunho do ato criativo, um caráter singular, uma assinatura”, emenda Pontual. A palavra *assinatura* resume outro aspecto inegável da práxis arquitetônica contemporânea: a existência dos *starchitects*, neologismo em inglês que dá conta dos *arquitetos-estrelas*, celebridades a transitar por vários países, desconhecendo fronteiras e sofisticando a paisagem urbana. São, além de talentos comprovados e pais de criações admiráveis, grifes.

Na lista de todos os vencedores do prêmio Pritzker, criado em 1979 por uma

abastada família de Chicago, nos Estados Unidos, como o equivalente ao Pulitzer literário ou ao Oscar cinematográfico, constam vários exemplos: o italiano Renzo Piano, o britânico Norman Foster, a iraquiana Zaha Hadid, o holandês Rem Koolhaas, o francês Jean Nouvel, o português Eduardo Soto de Moura, o japonês Shigeru Ban e os suíços Herzog & de Meuron. Do Brasil, integram o seleto rol Oscar Niemeyer (1907-2002) e Paulo Mendes da Rocha. São os únicos arquitetos nacionais a reunir em sua obra, aos olhos da Fundação Hyatt, que concede o troféu, a tríade “solidez, funcionalidade e beleza”, cunhada pelo romano Marcus Vitruvius Pollio, em *De architectura libri decem*, considerada a primeira obra sobre a disciplina, escrita no século 1 a.C.

Professor do Departamento de Arquitetura do Centro Universitário de Brasília/Uniceub, o urbanista Francisco Leitão, cearense há muito radicado no Distrito Federal, considera que ainda estamos na “era da arquitetura do *star system*”. “O prédio do Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha, virou paradigmático dessa arquitetura

TOYO ITO & ASSOCIATES/DIVULGAÇÃO



TOYO ITO

Projetos como a Mídiateca de Sendai e o teatro público de Za Koenji, no Japão (na foto acima), ou o estádio de Kaohsiung, em Taiwan, evidenciam a capacidade deste arquiteto japonês (ganhador do Pritzker em 2013) de conferir plasticidade e organicidade às formas geométricas. “Toyo Ito tem uma variedade de projetos comparável a Zaha Hadid e Frank Gehry, mas o seu repertório de soluções é mais diverso e, nesse sentido, sua contribuição é mais relevante”, percebe José Luiz Lemos, do Aflalo/Gasperini (SP).

ZAHA HADID ARCHTECTS/DIVULGAÇÃO



6

DIVULGAÇÃO



das estrelas”, diz, aludindo à obra do canadense naturalizado norte-americano Frank Gehry, cuja fachada exhibe uma estrutura retorcida de titânio. Inaugurado em 1997, o museu é tido como uma das mais impactantes obras arquitetônicas recentes. “O problema é que essa arquitetura do espetáculo é feita por arquitetos que trabalham numa escala maior, projetando a imagem de uma cidade, como Bilbao, mais para atrair empresas e corporações e menos para dialogar com aquele espaço. É uma construção deslocalizada”, argumenta.

Ele cita as intervenções de Norman Foster realizadas no Reichstag, o parlamento de Berlim, na Alemanha, ou as etapas de requalificação de zonas portuárias – em Nova York, Boston ou Buenos Aires – como sinais de uma uniformização advinda da globalização. “No panorama da arquitetura mundial, as obras que esses arquitetos projetam possuem uma dimensão global que ofusca os elementos locais. O resultado é que essas áreas de porto tendem a se descaracterizar, a ficar se copiando. Podiam ser em qualquer lugar”, comenta o professor. Há exceções, no



7

entanto, entre os que habitam o panteão da genialidade. “O português Álvaro Siza fez um belo trabalho para a Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, porque teve a sensibilidade de interagir com o local, confundindo-se com a paisagem. Aquele prédio só poderia existir naquele lugar”, acrescenta Leitão.

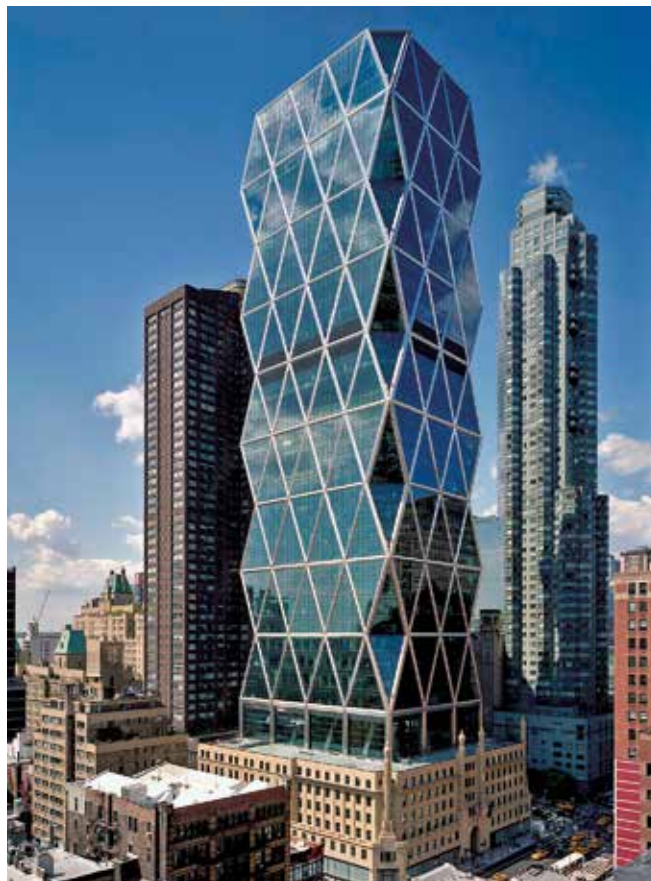
HOMOGENEIZAÇÃO CULTURAL

Ou seja: o choque entre o consumismo globalizado e a busca por uma especificidade se imiscui, também, na urbanização. “Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’”, expõe o teórico jamaicano Stuart Hall (1932–2014) em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006).

A arquitetura também padece do fenômeno da “homogeneização cultural” e sofre os efeitos da fricção global *versus*

local. Uma saída é olhar para o que há de intransferível. “A alma de uma cidade, bem como sua individualidade, permanece nos seus bairros populares e nas suas lutas”, situava o teórico, urbanista e professor norte-americano Mike Davis, em entrevista à **Continente** publicada em janeiro/2015.

De volta à metrópole, portanto, e ao somatório de espaços públicos, edifícios privados e de sua utilização pela população, que dá sentido a toda e qualquer incursão arquitetônica atual, seja sob a chancela de um famoso escritório, de uma gigante imobiliária ou de profissionais que optam por valorizar a interseção com o tecido urbano. “O foco tem que ser a construção das cidades, em especial com aproveitamento de infraestrutura e condições já existentes. A arquitetura de hoje é do edifício composto com o entorno. É preciso que a construção qualifique o bairro e tenha o entendimento da escassez dos recursos, tanto financeiros quanto naturais, seja no desenho, seja nos equipamentos e instalações que economizem. Se é caro para construir, vai ser caro para



8

6-8 ESTRELAS

Arquitetos como Zaha Hadid, Frank Gehry e Norman Foster desconhecem fronteiras, e seus projetos cumprem a função de sofisticar a paisagem urbana

manter. Vivemos uma crise de energia e de água e devemos buscar um desenho de edifício para se chegar a um desenho de cidade com economia para todos os cidadãos. Afinal, não adianta fazer um prédio *high tech*, com o melhor vidro e eficiência energética, se não colaborar com o espaço urbano ao redor”, afirma o carioca João Pedro Backheuser, da BAC Arquitetura.

Seu escritório se associou a arquitetos de Barcelona com o intuito de apresentar uma proposta para uma área de cinco hectares na região portuária do Rio de Janeiro. “Acredito que a arquitetura deve ocupar espaços urbanos vazios ou áreas que estejam degradadas, pois para isso já houve custo e esforço econômico, social, político e construtivo e dinheiro jogado

FOTOS: DIVULGAÇÃO



9

GEHL ARCHITECTS/DIVULGAÇÃO



JAN GEHL

É impossível pensar as metrópoles hoje sem citar este arquiteto dinamarquês, que há décadas defende a expansão das cicloviárias nas grandes cidades. “Na escala urbana, Jan Gehl merece destaque porque, de uma certa forma, foi inovador na grande discussão sobre o uso de bicicletas. Hoje pensamos em muitos conceitos que foram fomentados por ele”, diz Pedro Lira, da Idom (SP). Muito do que aplicou em Copenhague está descrito no livro *Cidade para pessoas*, em que Gehl defende uma mudança de cultura no modo de ver e construir as urbes.

9-10 TATE MODERN

A dupla Herzog & de Meuron ganhou, em 1995, o concurso para transformar a antiga fábrica em museu

fora. Nesse caso específico do porto carioca, trata-se de uma área central, de fácil acesso a trem e metrô, mas que está subutilizada. Nossa proposta é uma série de edificações residenciais, de até 20 andares, e de uso misto, com hotéis também, para aproveitar a rede de transporte e tornar aquela área ainda mais compacta. O arquiteto necessita achar o equilíbrio entre densidade e qualidade no espaço urbano, para que as cidades não se espraíem a perder de vista”, completa Backheuser.

ARSENAL TECNOLÓGICO

Há quem enxergue munição adequada para enfrentar tal missão. Diretor de arquitetura e urbanismo para o Brasil da Idom/ACXT, empresa espanhola de arquitetura, engenharia e consultoria presente em 20 países, o pernambucano Pedro Lira enaltece o avanço dos mecanismos tecnológicos à disposição dos profissionais. “Existem ferramentas



10

que permitem uma maior integração entre a arquitetura e as disciplinas afins, como engenharia, mobilidade e meio ambiente, e possibilitam o desenvolvimento do projeto com muito menos chance de erro. Antes, o arquiteto fazia o conceito, que chegava à engenharia de instalações, que fazia suas intervenções, e depois as remetia para o arquiteto. Hoje, é possível construir o programa de uma forma multidisciplinar mais integrada, o que exige uma maior visão do arquiteto”, pontua.

Foi com essa abordagem que a Idom/ACXT projetou uma operação urbana numa área de 11 mil hectares em São Paulo. “É um espaço que corresponde a 10% da área total da capital, com 1,1 milhão de habitantes. Fizemos estudos urbanísticos e ambientais para planejar o desenvolvimento da região e colaboramos, com alguns critérios, com a revisão do plano diretor municipal”, revela Lira, que prefere ir além do que considera aspectos “passageiros e superficiais”, como correntes estéticas. “A partir do momento em que as cidades se tornam mais importantes



DIVULGAÇÃO

REM KOOLHAAS

Desde os anos 1970, quando fundou o OMA – Office for Metropolitan Architecture, o holandês Rem Koolhaas é tido como exemplo de arquiteto que combina arrojo e reflexão. O prédio da China Central Television, em Pequim, uma concreta reinvenção da noção de arranha-céu, traduz essa inquietude, presente também na produção crítica deste vencedor do Pritzker em 2000. “É inegável que ele se sobressai hoje ao colocar a mesma força em produzir e escrever”, observa Francisco Leitão, professor do Centro Universitário de Brasília/Uniceub.

“É necessário otimizar os recursos e dar respostas a questões como o deslocamento, o descarte, a energia”

Pedro Lira

na vida das pessoas, é necessário que esses sistemas funcionem de maneira equilibrada. Otimizar os recursos e dar respostas a questões como o deslocamento das pessoas e mercadorias, o descarte dos dejetos, a qualidade dos espaços públicos, a economia de energia. Pensar e trabalhar a cidade exigem integração plena entre urbanismo e arquitetura”, alinhava.

Qualquer prática arquitetônica que se negue a encarar as idiossincrasias do funcionamento de uma metrópole estará, pois, em dissonância com o espírito do tempo. “Temos que pensar hoje com relação a 10, 20 anos atrás. Houve uma mudança de escala no crescimento da cidade, com a valorização da economia e o

adensamento gerado por uma ocupação desornada, que gerou uma série de problemas que hoje nós estamos tentando resolver, como a falta de água, o racionamento de energia, o trânsito e a insegurança”, repercute o paulistano José Luiz Lemos, diretor associado do Aflalo/Gasperini, escritório com 53 anos de experiência.

Ao discorrer sobre um projeto que vem sendo desenvolvido para uma área de 50 mil metros quadrados na capital paulista, e do que se prevê para reutilização da água da chuva e a devolução, por meio de biosarjetas, para o lençol freático, ele antecipa que não se trata de um mero conjunto de apartamentos: “Estamos falando de um bairro. Hoje, precisamos pensar o projeto muito mais globalmente e dotá-lo de uma sinergia com a cidade. Claro que não temos como resolver todos os problemas de São Paulo, mas é nosso papel pensar em saídas que, num projeto dessa escala, serão significativas”. Uma delas ecoa uma postulação do Modernismo – liberar o térreo de um edifício para um contínuo diálogo com os passantes – e

FOTOS: FRAN PARENTE / DIVULGAÇÃO



11

um dos pressupostos defendidos pela sociedade no combate à arquitetura do medo. “Os prédios terão uso misto, com atividades por 24h, para gerar fluxo de pessoas, sem muros. Quanto mais blindado, mais inseguro fica o entorno; quanto mais permeável e inserido no tecido urbano, mais seguros todos se sentem”, assente Lemos.

SEM MURO E PORTÃO

A residência do casal de arquitetos Clara Reynaldo e Lourenço Gimenes, na zona oeste de São Paulo, é um perfeito exemplo dessa permeabilidade. Não há muro ou portão a separá-la da rua, o que provoca constrangimentos, como veículos estacionados na garagem. “Moramos perto de um bairro com muito comércio, então, de vez em quando, tem carros parados aqui, porque as pessoas acham que é uma loja. É curioso sentirmos esse preconceito, como se a casa tivesse que, obrigatoriamente, ser de alvenaria, ter muro, portão e quarto de serviços. Mas a arquitetura não tem mais essa configuração. Pode-se construir dos mais variados



12

“A arquitetura contemporânea está mais no espírito, no que o arquiteto pensa, do que no material”

Lula Marcondes

jeitos, desde que não seja um desfile de moda, e, sim, usável, com um programa, uma demanda, um valor”, interpreta a pernambucana Clara.

No terreno de 4 m x 30 m, numa via de casas geminadas, ela, o marido e os escritórios CR2 Arquitetura e FGMG Arquitetos foram criativos na “arquitetura habitável” que tomam como norte: optaram por uma estrutura metálica, sem concretagem (há tijolos em apenas uma parede) e com uma laje painel de aço. “Não seguimos o programa tradicional da família pequeno-burguesa, com quarto e banheiro de serviços. E fizemos uma construção seca, sem aquele canteiro de obras com muito resíduo, até porque nosso espaço era estreito. Usamos

estruturas de aço, que chegavam prontas. Como a iluminação natural vem apenas da frente e de trás, buscamos a ventilação cruzada, com muito vidro, não só por uma questão estética, mas para usarmos o máximo de luz natural possível. Na fachada da frente, optamos por uma malha metálica. Como há um painel, da rua, a pessoa vê a casa inteira. Queríamos mesmo uma casa aberta, transparente, sem portão, uma extensão da rua”, lembra a arquiteta.

Em 1952, Mário Pedrosa vaticinava: “Até no Ocidente, a ideia de casa é mais do que um teto sustentado por paredes maciças. O concreto e o aço, flexíveis como é a madeira, transformaram a velha ideia, e esta agora pode ser melhor afinada aos sentimentos dinâmicos espaciais do homem moderno, pois pode ser concebida como um teto sustentado por postes, pilares situados para dentro do perímetro da construção, sem obrigação de regularidade externa ou simétrica”.

A liberdade intrínseca à arquitetura contemporânea é uma realidade. É possível imaginar nuances de fachadas que vão se modificando a




11-13 CLARA REYNALDO
Projeto da arquiteta e de seu marido, Lourenço Gimenes, para sua residência é exemplo de permeabilidade

cada pavimento de um prédio, graças a processos digitais de fabricação de impressão em 3D. É possível escolher um entre dezenas de tipos de vidro – laminados, temperados, insulados – para revestir um prédio e nele inserir até serigrafias. É possível prescindir do tijolo e adotar o concreto. E replicar, em patamares construtivos, a rima inteligência/ eficiência.

POSTURA CIDADÃ

Se, por um lado, percebe-se uma crença na falibilidade da arquitetura como criadora e indutora de soluções – Carlos Fernando Pontual lamenta a irremediável “perda de força” do arquiteto para corrigir os traumas das metrópoles –, por outro, os recentes movimentos organizados pela sociedade civil a partir de áreas prestes a sofrer intervenções massivas, como o caso José Estelita, no Recife, e o Parque Augusta, em São Paulo, sugerem o fortalecimento de uma postura cidadã por parte do profissional. “A arquitetura contemporânea está mais no espírito, no que o arquiteto pensa, do que no material que ele vai escolher. Temos que ir pela imaterialidade”, pondera o pernambucano Lula Marcondes, professor do Departamento de Arquitetura da Universidade Católica de Pernambuco e sócio de O Norte – Oficina de Criação.

Para ele, o dever é confrontar a legislação excludente e reinventar a relação com a urbe e com o outro: “Em Pernambuco, nossa legislação permitiu a negação da cidade, principalmente nos edifícios residenciais, que é a base onde tudo acontece, onde nos relacionamos. O arquiteto pode usar madeira, concreto, ferro, vidro ou plástico, mas a lei seguirá com o espírito de negação. Temos que lutar para que isso se transforme em doação, em generosidade, em prédios com uso misto no térreo que se abrem para a cidade. Esse é o caminho para uma arquitetura urbana e cidadã”. Ao arquiteto de hoje, cabe, também, a possibilidade de mudar o lugar onde se vive. 

IWAN BAAN/DIVULGAÇÃO



SOU FUJIMOTO

Em 2013, o pavilhão temporário da Serpentine Gallery, no Hyde Park, em Londres, parecia nascer do solo, tamanha era a integração de sua estrutura, cubos em ferro concatenados em imensas grades, com a natureza. Essa é uma das chaves para olhar o trabalho do japonês Sou Fujimoto. “Ele é um arquiteto com a ideia de inovação, que foge muito do programado, que perverte os limites tradicionais. Fui visitar uma casa que ele projetou em Tóquio onde simplesmente não existem paredes”, comenta Clara Reynaldo, da CR2 Arquitetura (SP).



Entrevista

GUILHERME WISNIK

“NO FUNDO, O QUE ENTROU EM CRISE FOI A IDEIA DE PROJETO”

Professor da FAU/USP, o crítico de arte e arquitetura Guilherme Wisnik foi um dos três curadores da *10ª Bienal de Arquitetura de São Paulo* (2013), cujo tema foi *Cidade: modos de fazer, modos de usar*. Autor de vários livros – entre eles *Estado crítico: à deriva nas cidades* (Publifolha, 2009) – e coordenador da compilação de ensaios sobre arquitetura do pensador Mário Pedrosa, ele é uma das mais coerentes vozes na interpretação das relações

entre arquitetura, urbanismo e progresso na contemporaneidade.

CONTINENTE *Como se pensa a arquitetura hoje? Como se constrói na atualidade?*

GUILHERME WISNIK Basicamente, as cidades no Brasil não são feitas pelos arquitetos, e, sim, pelo mercado imobiliário, muito distante do que os arquitetos querem. Em certo momento histórico, os arquitetos deixaram de ser importantes na construção das cidades brasileiras. Veja o paradoxo: o Brasil é o único país do mundo que construiu uma capital moderna, uma cidade inteira do zero, e naquele momento tinha arquitetura e urbanismo considerados exemplares – e olhe que não faz tanto tempo assim, estamos falando de meio século. De lá para cá, o lugar social da arquitetura caiu muito; perdeu tanto a importância, que vivemos uma situação em que praticamente não é a arquitetura que dá valor a uma

cidade. O que tento dizer é que não só a produção arquitetônica brasileira baixou de qualidade, mas também deixou de ser vanguarda e de ser reconhecida na sociedade brasileira. Sim, o país continua a ter bons arquitetos e bons projetos, mas isso não tem mais a relevância de antes, não aparece em meio à quantidade. A boa arquitetura é exceção.

CONTINENTE *A que pode ser atribuído esse cenário?*

GUILHERME WISNIK Esse problema profundo é uma espécie de enigma que precisa ser decifrado. Penso que surge com o esforço de modernização na metade do século 20, no momento em que as cidades brasileiras ainda eram menores. A cultura moderna entrou como vanguardista, com artistas apoiados por políticos como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, para impor a modernidade como linguagem no momento em que os problemas – sociais, urbanos, econômicos – não eram tão grandes. O modernismo brasileiro se afirmou internacionalmente; a arquitetura moderna brasileira teve relevância internacional muito forte, atingindo o ápice nos anos 1950. Eram os tempos da tríade Pelé, Oscar Niemeyer e Tom Jobim: o Brasil era futebol, arquitetura e bossa-nova. Chegaram os anos 1960, e o golpe militar atrapalhou muito o avanço social que dava suporte a essa vanguarda estética. Com isso, vieram também as cidades inchadas, a urbanização forte e descontrolada e a favelização, numa fase em que o Brasil não estava se preocupando em resolver socialmente essas questões. Nos anos 1970 e 1980, as cidades explodiram, com seus condomínios fechados e edifícios enormes, com o gradeamento das praças e fim dos espaços públicos.

CONTINENTE *Uma configuração que, de uma certa forma, estende-se até hoje.*

GUILHERME WISNIK E que é muito difícil de reverter. As grandes cidades brasileiras possuem problemas gigantescos de toda ordem, enfrentam questões sociais e de violência muito sérias, e isso tudo aconteceu em duas, três décadas. A arquitetura sumiu do cenário durante a ditadura. Passou a ser lida socialmente como um cosmético, uma frescura, uma decoração da qual as pessoas podem prescindir. No

fundo, o que entrou em crise foi a ideia de projeto, a ideia de que o projeto é capaz de melhorar o futuro das coisas. O que dizia a vanguarda moderna? É preciso projetar, é preciso prever, e você vê que tudo no Brasil é feito meio sem projeto. As Olimpíadas e as grandes obras são feitas na base da urgência, e a urgência sempre estimula a corrupção. A noção de projeto é o contrário disso: é preciso reger de acordo com leis objetivas e racionais, e fazer o que se previu ao longo do tempo e de maneira orquestrada.

CONTINENTE *Nesse contexto, como se dá o cabo de guerra do cotidiano entre o arquiteto e os empreiteiros e incorporadores?*

GUILHERME WISNIK O arquiteto é uma voz isolada que tenta defender uma posição sozinho. É muito desigual lutar contra tudo isso. Há uma frase de Rem Koolhaas que gosto bastante de usar, por ser uma ótima definição para a profissão de arquiteto. Ele diz que é uma profissão muito estranha e muito invejada, pois traz extrema onipotência e igual impotência ao mesmo tempo. Em princípio, o arquiteto lida com uma dimensão grande. Há um certo momento do projeto em que está nas mãos dele decidir o futuro de muita gente, de atuar diante de muito dinheiro e de mudar parte da cidade. Mas aí nada acontece direito como se esperava, surgem problemas com o cliente, aparecem restrições econômicas, o operário não faz sua parte direito... É uma espécie de dicotomia e esquizofrenia, como bem colocou Koolhaas.

CONTINENTE *Será que existe uma possibilidade de mudança ou até mesmo de redenção da arquitetura?*

GUILHERME WISNIK Aposto nisso. Inclusive, foi algo que abordamos na *Bienal de Arquitetura*. Acho que apareceu uma novidade nos últimos tempos, um sinal de grande esperança, que é a sociedade organizada reivindicando espaço público, projetos e qualidade da cidade. O Recife está na vanguarda, por exemplo. O Ocupe Estelita é um dos movimentos mais importantes que surgiu no Brasil. Acredito muito nos movimentos que a sociedade civil está mobilizando, pois estão questionando o *modus operandi*, confrontando a especulação imobiliária. E é por aí,

acho, que vamos conseguir retomar a arquitetura do espaço público.

CONTINENTE *Como você avalia a procura por uma arquitetura sustentável em tempos de crise hídrica, por exemplo? Concorde com a existência do que alguns arquitetos rotulam de “sustentabilidade de butique”?*

GUILHERME WISNIK A crise hídrica é um ótimo exemplo para comprovar que precisamos retomar o projeto como valor. O fato de São Paulo ter crescido e se organizado sem projeto urbano só explicita a necessidade de aprofundar essa discussão. Quanto a essa “sustentabilidade de butique”, virou o assunto da vez e agora todo mundo quer fazer parecer que está respeitando o meio ambiente. É uma espécie de álibi ou salvo-conduto para a chamada arquitetura verde. Tenho muita implicância com isso. Acho que não adianta nada uma empresa erguer o edifício da sua sede seguindo os

“Apareceu uma novidade, que é a sociedade organizada reivindicando espaço público, projetos e qualidade da cidade”


preceitos da eficiência energética, do reuso da água, e construir uma garagem de três subsolos. A resposta não está no selo verde que pode ter o edifício com um jardim na cobertura. O compromisso sustentável é o modelo de cidade, que cada vez mais estão sendo espreiadas, suburbanizadas e precarizadas para as pessoas passarem horas no trânsito para se deslocar. Uma empresa fazer algo para ganhar o selo verde não vale nada. É o urbanismo “sustentável” que deve ser o nosso desafio.

CONTINENTE *Qual seria a diferença entre a arquitetura utópica e a prática do dia a dia?*

GUILHERME WISNIK A arquitetura pragmática do mercado é feita pela e para a especulação imobiliária, cujo objetivo é a obtenção de lucro. Nela, são sacrificados os valores coletivos em nome de uma visão mesquinha, praticada por grupos privados. A cidade construída assim é triste, cada

vez mais privatizada, fechada, feita para poucos, quando deveria ser um bem público coletivo. Com relação ao que seria uma utopia da arquitetura, o que estou pedindo não é algo tão difícil. Vejamos Nova York, o coração do capitalismo mundial, um sistema feito para a iniciativa privada. Como a cidade é? Toda feita para o bem coletivo. É ortogonalmente planejada, tem um parque imenso que ocupa mais de 30 quarteirões e que é um grande espaço público, possui prédios cujos térreos têm comércio. É uma cidade de pequenas escalas também, o que leva a rua a ficar mais animada. Também é uma cidade com metrô, táxi. Ou seja, não preciso dizer que é utópico o que quero. O que defendo como valor de cidade é concreto. Só preciso que a sociedade nas grandes cidades brasileiras se engaje nisso. Não imagino que as empresas nova-iorquinas deixaram de ter lucro, não é?

CONTINENTE *Nem em nenhuma outra cidade norte-americana, a exemplo de Los Angeles.*

GUILHERME WISNIK Essa dualidade entre Los Angeles e Nova York é interessante. Los Angeles é a cidade do automóvel, dos condomínios fechados, dos conflitos sociais, da baixa densidade e de Hollywood, a indústria do entretenimento. Nova York é a potência cultural, do *big business* planejado, do metrô que leva a todo e qualquer lugar. Ambas são metrópoles norte-americanas com visões urbanas bem opostas. Uma pena que as cidades brasileiras estejam, hoje, mais para Los Angeles do que para Nova York. A densidade é um valor muito importante a ser defendido, é oposto do espreiamento que leva todo mundo a depender do transporte motorizado para se deslocar. A cidade densa traz uma proximidade muito maior entre seus equipamentos, entre seus cidadãos, como a Paris do século 19, tão bem-analisada por Walter Benjamin. Aliás, Paris, assim como também Barcelona, são cidades baixas, porém densas. Em Pernambuco, com essa discussão toda a respeito do projeto Novo Recife levantada pelo Ocupe Estelita, e mesmo com aquelas duas outras chamadas de “torres gêmeas”, essa verticalização não chega a configurar densidade. A verticalização, por si só, não produz densidade urbana. No Recife, destruiu o *skyline* da cidade e seu patrimônio, além de segregar. 



CONSTRUÇÃO

Conforto espacial e qualidade ambiental

Princípios norteadores do bem-construir, como a observação do clima, da iluminação e de materiais locais, garantem sustentabilidade

“A arquitetura como construir portas, de abrir; ou como construir o aberto; construir, não como ilhar e prender, nem construir como fechar secretos; construir portas abertas, em portas; casas exclusivamente portas e tecto. O arquiteto: o que abre para o homem (tudo se sanearia desde casas abertas) portas por-

onde, jamais portas-contras; por onde, livres: ar luz razão certa.” Tais versos da estrofe inicial de *Fábula do arquiteto*, poema do pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999) presente em *A educação pela pedra* (1965), foram reapropriados pelo arquiteto pernambucano Armando de Holanda (1940-1979) como epígrafe

para *Roteiro para construir no Nordeste*. Publicado em 1976, pelo programa de pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco, seu livro é citado com recorrência por profissionais que se confrontam com a seguinte pergunta: o que seria uma arquitetura sustentável?

Na verdade, os ensinamentos de Holanda tendem a ser louvados com o mesmo fervor com que o adjetivo “sustentável” é combatido. “A boa arquitetura, aquela que se apropria dos materiais e técnicas locais, que tenta entender o clima e as mais simples soluções para garantir o conforto de quem a habita, é a verdadeiramente sustentável. O livro de Armando de Holanda oferece sugestões que facilmente poderiam ser usadas, em qualquer escala de construção, para prover qualidade



1 CONSCIENTE
Projeto de Bruno Lima para sua casa observa os ensinamentos do livro *Roteiro para construir no Nordeste*

espacial e conforto ambiental. Mas essa abordagem consciente do espaço e do objeto arquitetônico não consegue fazer frente aos apelos das grandes indústrias de materiais – vidro, alumínio, aço, cimento – e, sobretudo nos grandes edifícios e complexos comerciais, nem é levada em consideração”, constata Pedro Del Guerra, da MGDG Arquitetos, de São Paulo.

Para ele, o que acaba se sobressaindo é, ainda, a fetichização de técnicas e materiais que apenas “parecem mais ecológicos”. “É muito comum encontrar clientes, ou mesmos arquitetos, que pregam o consumo de soluções sustentáveis, como telhados verdes e captação e reuso da água, mas não abrem mão de ter não só um, mas vários carros na garagem, e descartam o uso de transporte coletivo. A boa intenção de procurar conviver melhor e usar

menos os recursos naturais não sobrevive a um apelo pelo consumo de soluções vendidas como meros produtos. Isso vale para os materiais em si e também para a venda de conceitos mais mercadológicos, como as pontuações de um sistema de certificações como o LEED”, apregoa Del Guerra.


Sigla de *leadership in energy and environmental design* (liderança em design ambiental e energético, em tradução livre), LEED é um certificado conferido pela ONG Green Building Council e perseguido por construções no mundo inteiro. Para ser outorgado, são observados critérios como eficiência energética, materiais e uso da água, entre outros. Há quem considere que se trata de um selo criado para regulamentar o que já se fazia. “Percebo o LEED como uma formalização para a preocupação com o tripé eficiência, inteligência e economia e o esforço para evitar desperdício. O certificado avalia isso com regras mais rígidas e referências de medição”, afirma o arquiteto José Luiz Lemos, do Aflalo/Gasperini. “Todas as empresas têm buscado caminhar nesse sentido de otimizar os recursos. É dever do arquiteto calcular quanto o cliente vai gastar de energia e de água e também saber escolher os materiais para garantir durabilidade e qualidade. Assim, o LEED deixa de ser um selo e passa a ter sentido econômico”, compreende Pedro Lira, diretor de arquitetura e urbanismo no Brasil da empresa espanhola Idom/ACXT.

Existem, contudo, os profissionais que recriminam uma submissão exagerada à certificação. “O certificado se desvirtuou. Era uma maneira de mensurar a performance de um edifício que, hoje, a indústria cooptou. É como se fosse só um selo para dar charme. Mais importante do que essa ideia falsa de sustentabilidade é sabermos, por exemplo, a origem dos nossos materiais. Tenho convívio com gente na Zona da Mata que trabalha por 12 horas, mas só recebe por oito, para fazer um tijolo, em um trabalho de alto risco. Alguém pega, bota na sua casa e diz que é sustentável para ganhar um certificado”,

pondera Lula Marcondes, de O Norte – Oficina de Criação.

Professor do departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, o arquiteto Bruno Lima é sócio de Lula Marcondes e dono de uma residência erigida a partir de projeto desenvolvido no escritório. Localizada na região central do Recife, é citada como a materialização da “arquitetura consciente, urbana e cidadã” que eles defendem. “Foi uma casa que surgiu sem a intenção de ter ações deliberadas em sustentabilidade. De forma espontânea, buscamos possibilidades usando, justamente, os ensinamentos de mestres como Armando de Holanda. Como aplicar isso no contexto em que estamos vivendo? Não se trata de replicar em cima de uma mesma composição formal, e, sim, de reproduzir o que aquilo tem de essência em questões de iluminação e ventilação, por exemplo, e que é válido ainda hoje. E a casa foi construída como se fosse um laboratório, com baixo resíduo, pouca alvenaria e muita madeira. Intuitivamente, criamos algo que está no discurso dos que rotulam as coisas como sustentáveis”, detalha Lima.

Esse aproveitamento de ideias preconizado lá atrás é, por vezes, mais benéfico do que muitas práticas contemporâneas. “Aqui no Nordeste, já fazíamos isso muito antes dessa palavra aparecer, pois sempre incorporamos os elementos relacionados ao clima compulsoriamente, e não como uma moda”, assegura Carlos Fernando Pontual, da Pontual Arquitetos.

O desafio, de um modo geral, prossegue, menos na prospecção por uma sustentabilidade certificável e mais “no sentido de uma arquitetura livre e espontânea, que seja uma clara expressão da nossa cultura e revele uma sensível apropriação do nosso espaço; e no sentido de uma arquitetura sombreada, aberta, contínua, vigorosa, acolhedora e envolvente, que, ao nos colocar em harmonia com o ambiente tropical, nos incite a viver nele integralmente”, como uma vez escreveu Armando de Holanda.  LUCIANA VERAS

CMPBS / DIVULGAÇÃO



2

PROTAGONISMO ARQUITETURA REMODELANDO O MUNDO

Fundado em 1975, em Austin, no estado norte-americano do Texas, o Center for Maximum Potential Building Systems – CMPBS é mais do que uma ONG. A instituição é pioneira na pesquisa e na implementação de técnicas construtivas que transcendem o significado atribuído corriqueiramente à sustentabilidade. O que eles exercem é um novo modo de encarar a arquitetura e seu papel fundamental na remodelação do mundo. “A nossa missão nasceu a partir de uma noção premonitória do quão essenciais os edifícios e a arquitetura são para a sustentabilidade ecológica”, escrevem, em entrevista por e-mail à **Continente**, os codiretores Pliny Fisk III e Gail Vittori.

À luz de cidades inchadas/favelizadas/compartimentadas pelo capitalismo, o que fazer? A pergunta é atacada com coerência e lucidez pelos gestores da ONG norte-americana: “A arquitetura precisa responder de imediato às realidades cambiantes. Os edifícios se beneficiam do uso de uma nova dinâmica de sistemas que

facilita suas evoluções, enquanto eles se modificam com o passar do tempo para se tornar mais vivos socialmente, economicamente e ambientalmente. Temos que pensar um caminho que reconheça esses edifícios como servidos por uma espinha dorsal flexível de infraestrutura, e avançando intrinsecamente rumo a um metabolismo urbano saudável. A arquitetura e o design urbano devem permitir padrões de uso para influenciar, de modo recíproco, a performance dessa espinha dorsal. É apenas por essa via que uma cidade pode evoluir verdadeiramente resiliente e saudável”.

O que eles promovem é também uma recuperação do protagonismo do arquiteto. Advogam, por exemplo, que ele esteja presente na obra não apenas como um consultor, mas na labuta diária: da conceituação à execução, e ao longo de todas as etapas, o arquiteto é o responsável. Só dessa forma, concordam Pliny Fisk III e Gail Vittori, será capaz de praticar a arquitetura necessária ao mundo de hoje. “Nós precisamos de casas e prédios que conversem conosco, que se tornem uma extensão de quem somos, e assim nos conectem com as funções essenciais que suportam as atividades humanas, à medida que elas estão associadas com o

2 PLENITUDE ECO CITY

Pliny Fisk III e Gail Vittori nomeiam assim a cidade ideal com “novos níveis de equilíbrio”

ambiente construído”, identificam os codiretores do CMPBS.

Essa abordagem ressoa os princípios do *Design+Build*, movimento surgido nos Estados Unidos e que, embora propagado lá fora, ainda é pouco conhecido – e aplicado – no Brasil. “O princípio é quebrar a hierarquia social na qual o arquiteto é apenas o dono das ideias brilhantes. Ele participa da cadeia inteira”, ensina o professor da Unicap Lula Marcondes. “Numa escala vertical, ao chegar numa obra, o arquiteto vê que uma decisão foi tomada por outra pessoa. Nesse processo, não: diante das adversidades, o arquiteto tem poder de modificar o que inicialmente tinha sido pensado”, emenda Bruno Lima, sócio de O Norte – Oficina de Criação

A convite desse escritório, o arquiteto australiano Michael Phillips passará o ano de 2015 difundindo o *Design+Build* em Pernambuco. “O papel de um arquiteto-padrão é só lidar com o design. Meu interesse é assumir mais responsabilidade com a construção e, com esse controle, levar adiante o compromisso com a sustentabilidade”, anota Phillips.

Além das legislações – a exemplo da recém-aprovada lei municipal 18.112/15, que institui, no Recife, a obrigatoriedade dos “telhados verdes” nos edifícios –, para se chegar ao que Pliny Fisk III e Gail Vittori chamam de “plenitude” (uma cidade ideal com “novos níveis de equilíbrio”) é preciso, de fato, que o arquiteto se transforme “em um pensador de sistemas”. “Novos resultados econômicos e um novo modo de entender o papel do indivíduo com relação ao todo precisam funcionar juntos como um sistema dinâmico, orgânico e autossuficiente, no qual o indivíduo é um recurso tão importante quanto a cidade em si”, defendem os codiretores do Center for Maximum Potential Building Systems.  (L.V.)